

Martha Jares

**RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA DE
CORDEL**

CELACC/ECA – USP
2010

Martha Jares

**RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA DE
CORDEL**

Artigo apresentado à Universidade de São Paulo – USP como requisito para obtenção do título de especialista em Mídia, Informação e Cultura. Realizado sob orientação do Prof. Dr. Wilton Garcia.

CELACC/ECA - USP
2010

Agradecimentos

Ao bravo povo brasileiro.

Na capitá Federá,
Tenho visto brasilêro
Dizê que o sertão só dá
Assarcino e cangacêro!
Cangacêro e assarcino!
O que fartô no sertão
Foi livro prá Antonio
Silvino e justiça prá
Lampião!

Zé da Luz

RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA DE CORDEL

Martha Jares¹

Resumo

A partir do conceito Gramsciano de hegemonia, este artigo aborda a relação dialética entre cultura hegemônica e cultura subalterna para identificar os aspectos presentes na literatura de cordel, desde o processo de dominação pela cultura hegemônica na América Latina até os processos de resistência e formação da identidade cultural do povo sertanejo.

Palavras Chave: cordel; cultura subalterna; identidade cultural; resistência.

Abstract

From the Gramscian concept of hegemony, this article explores the dialectical relationship between culture and subaltern hegemonic culture to identify the aspects present in the string literature, since the process of domination by hegemonic culture in Latin America until the processes of resistance and identity formation people's cultural backcountry.

Keywords: string; subaltern culture, cultural identity, resistance.

Resumen

Desde el concepto Gramsciano de hegemonía, este artículo explora la relación dialéctica entre la cultura hegemónica y la cultura subalterna para identificar los aspectos presentes en la literatura de cadena, ya que el proceso de dominación por la cultura hegemónica en América Latina hasta los procesos de resistencia y la formación de la identidad interior cultural de los pueblos.

Palabras clave: torzal; cultura subalterna; identidad cultural; resistencia.

¹ Economista graduada pela Universidade da Amazônia; Produtora cultural com aperfeiçoamento em Gerenciamento e desenvolvimento de projetos culturais pela Escola de Governo do Estado do Pará; Pós-graduada em Mídia, informação e cultura pelo CELACC/ECA-USP

SUMÁRIO

Introdução.....	6
A cultura subalterna na América Latina.....	6
A Tradição Oral e a Literatura Popular.....	7
A Literatura Popular de Cordel.....	8
Considerações Finais.....	12
Referências Bibliográficas.....	12

Introdução

Este artigo sugere uma discussão sobre a importância que a literatura de cordel possui enquanto cultura subalterna na representação da cultura popular e na formação da identidade cultural do povo sertanejo. De como se apropria da cultura hegemônica e, através de processos de resistência, a ressignifica de forma a retratar a cultura local desse povo ao abordar elementos culturais, sociais, políticos e cotidianos. A problemática converge para a investigação de como essa identidade se forma a partir das estratégias de resistência.

Pretende-se, portanto, sob a luz do conceito gramsciano de hegemonia, abordar a relação entre cultura hegemônica e cultura subalterna e, a partir desse ponto de vista, identificar os aspectos presentes nessa literatura popular como estratégia de resistência para a formação da identidade cultural brasileira, sem, contudo, aprofundar sobre a questão da formação das culturas nacionais.

Com o objetivo de substanciar o tema proposto, este artigo se utilizará de conceitos trazidos dos Estudos Comunicacionais e, sobretudo, dos Estudos Culturais, de teóricos como Martín-Barbero (2001), Néstor Canclini (2003), Stuart Hall (2006), Peter Burke (1989), Joseph Luyten (1984), Maria Nazareth Ferreira (2008), Mark J. Curran (2003), John Downing (2002), cujos enfoques refletem as dinâmicas dos processos de formação e afirmação das identidades culturais. Para tanto, se faz necessário uma breve análise sobre a cultura subalterna na América Latina colonizada na luta pela afirmação de sua identidade sempre ligada a luta por justiça social, bem como, dessa identidade como questão inerente a questão da resistência, onde uma não sobrevive sem a outra.

A cultura subalterna na América Latina colonizada

A cultura subalterna latino-americana traz uma abordagem sob o ponto de vista da resistência desses povos frente à devastadora colonização Ibérica, enquanto cultura hegemônica que tenta impor a identidade nacional européia, sob a égide de uma prática civilizatória. Esse processo de colonização na América Latina instaura o conflito entre colonizador e colonizado que levou a que povos inteiros fossem dizimados, os que resistiram tiveram que lutar pela preservação da sua história e a forjar a própria identidade.

A resistência pela afirmação da identidade cultural está intrinsecamente relacionada com a luta pela igualdade social, uma não pode ser resolvida sem que se resolva a outra

(CANCLINI, 1994). Essa questão se evidencia nas lutas políticas na América Latina cunhadas nas suas expressões poéticas e textuais, onde a tradição oral exerce um papel fundamental. Essa oralidade é o ponto de partida para a criação das expressões artísticas que compõem as várias identidades culturais latino-americanas e que estão assentadas na luta pela justiça social.

Segundo Maria de Nazareth Ferreira

Pode-se afirmar que o grau de resistência de um sujeito individual ou coletivo, é tão forte quanto maior for seu suporte histórico, fortalecido nas suas práticas cotidianas; da mesma forma, sua fragilidade estará baseada na ausência destes elementos. Do exposto decorre que identidade, resistência e dependência cultural, são termos inter-relacionados, o que implica tratá-los em sua inter-relação e reciprocidade: quanto mais forte for a identidade cultural, existirá maior resistência, portanto, menor dependência; quanto mais frágil for a identidade cultural, maior será a dependência, pois não haverá resistência (FERREIRA, 2008, p. 61).

O processo de dominação pela cultura hegemônica na América Latina engendra outro processo, o da resistência cultural desses povos subalternos. Apesar da diversidade étnica, religiosa, cultural e geográfica, eles possuem características bastante peculiares, como a luta pela justiça social e a tradição cultural na oralidade, como forma de preservação da memória histórica, que são basicamente as interseções que dão o suporte necessário a esse processo de resistência.

A tradição oral e a literatura popular

A tradição oral tem como principal característica o verbalismo, transmitidos de uma geração para outra, como um testemunho oral da memória coletiva de um povo. Essa expressão cultural é inerente a formação das identidades das culturas subalternas e, por isso, o suporte da resistência cultural desses povos. Pois, as sociedades trazem consigo representações coletivas com identidades próprias que são amplamente difundidas através dessa tradição.

Maria Nazareth Ferreira (2008), afirma que na tradição oral estão os elementos mais importantes para a construção da identidade cultural. Como fonte de saber, de transmissão de conhecimentos e de preservação da memória histórica, essa expressão coletiva se perpetua no tempo e assume importante papel na resistência e na formação da identidade das culturas subalternas.

Por ser um meio de comunicação intrínseco ao ser humano, a oralidade tem um papel fundamental no processo de construção do pensamento. Através da oralidade sociedades iletradas puderam preservar e promover seus saberes transmitidos através das gerações. Segundo Joseph Luyten, as sociedades humanas quando são iletradas, tem como único recurso a memória para guardar aquilo que achar importante (1994, p. 7).

O marco da literatura popular na Europa hegemônica se deu com a ascensão da burguesia após a Revolução Francesa, com o movimento de resgate da cultura subalterna, que fez com que grande parte da produção oral passasse a ser impressa e difundida, aproximando assim, a “cultura popular” da “erudita”. Segundo Peter Burke (1999), vários volumes de contos populares, transmitidos anteriormente pela tradição oral, foram publicados na Alemanha antes do aparecimento, em 1812, da famosa coletânea dos irmãos Grimm. Na América Latina esse marco está na chegada da tipografia, primeiramente nas colônias espanholas e, tardiamente no Brasil.

Martín-Barbero (1987) afirma que “nem toda a assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência”. A importância histórica do “popular” como parte da memória cultural desperta um processo de redescoberta da cultura subalterna pela hegemônica para a formação da cultura nacional, onde o povo é reconhecido pelo seu protagonismo. Dessa forma, a classe hegemônica representa interesses que a classe subalterna entende como seus.

Segundo Stuart Hall (2006, p.48), as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Assim como a literatura de cordel, que chega ao Brasil como literatura colonial e se transforma em trincheira da resistência cultural do nordeste brasileiro e posteriormente passa a fazer parte da identidade nacional.

A literatura popular de cordel

As questões histórico-culturais da colonização na América Latina levantadas até agora, encontram um “perfeito” exemplo, desde a intervenção ibérica aos processos de resistência e de formação da identidade cultural, na literatura de cordel no Brasil. Em meio às muitas expressões artístico-culturais que refletem de forma nítida o resultado desse multiculturalismo característico da identidade cultural brasileira, essa literatura mostra através da história a sua dinâmica para se firmar enquanto literatura popular e se afirmar como parte dessa identidade.

A literatura popular de cordel tem sua origem na Europa Medieval, primeiramente na região de *Provence*, na França, para em seguida se espalhar pela Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra. Trazida pela colonização ibérica para a América Latina, países como Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Peru essa literatura tornou-se conhecida como *hojas* ou *pliegos sueltos*, com textos que tinham a predominância da forma poética. Na Argentina, por exemplo, essa literatura é incluída nos estudos oficiais de literatura e nos compêndios didáticos e paradidáticos, tamanha a sua importância.

Trazida para o Brasil pelos portugueses à época da colonização, essa literatura se fixa com o nome “cordel” herdado da tradição portuguesa em expor os folhetos em feiras livres, praças e mercados, pendurados em cordões ou simplesmente dispostos em cima de esteiras. A partir daí a literatura de cordel no Brasil começa a traçar o seu caminho até se firmar na luta pela resistência e formação da identidade cultural do povo sertanejo.

São vários os ciclos que esta literatura popular percorre ao chegar no Brasil. Inicialmente introduzida como literatura colonial, trazia um retrato da metrópole portuguesa com temas europeus, que narravam epopéias de bravuras e conquistas. Posteriormente passa a ter influência das etnias existentes no Brasil, indígena e africana, com grande tradição na oralidade. Posteriormente se identifica com o cancionista nordestino, que também fazia uso da tradição oral e expressava a sua poética nas emboladas².

Com a chegada da tipografia no Brasil e posteriormente com a sua “popularização”, a literatura de cordel passa a ser produzida em uma escala considerável, pois, no final do século XIX ocorreram algumas práticas de editoras localizadas, principalmente, nas regiões norte e nordeste, que se especializaram na produção de publicações populares, direcionadas para o público de baixo poder aquisitivo. O que aumentou a sua tiragem e conseqüentemente a sua circulação.

Essa produção preserva as características originais, impressa em folhetos e com harmonização poética, porém, com conteúdo regional, onde passa a abordar fatos do cotidiano nordestino. Começa um novo ciclo da literatura de cordel, agora como crônica poética de fatos cotidianos.

² processo musical e poético, que ocorre nas estrofes de cocos e desafios, caracterizado por textos declamados rapidamente sobre notas repetidas.

A busca pela identidade fez com que essa literatura popular, encontrasse, no seu ciclo épico, seus verdadeiros representantes na luta por justiça social, o sertanejo, o cangaceiro. Começa então, a cunhar a sua própria identidade, ou seja, a identidade do povo sertanejo. Observa-se na obra do cordelista Francisco das Chagas Batista, onde a figura principal é a do cangaceiro Antonio Silvino.

Meu avô foi muito rico/ e meu pai foi abastado/ mas não mandou me educar/
 porque onde foi criado/ o povo não aprecia/ o homem civilizado/ Ali se aprecia
 muito/ um cantador, um vaqueiro/ um amansador de poldro/ que seja bem
 catingueiro/ um homem que mata onças/ ou então um cangaceiro/ Meu pai fez
 diversas mortes/ porém nunca foi bandido/ matava em defesa própria/ quando se via
 agredido/ pois nunca guardou desfeita/ e morreu por atrevido/ Enquanto eu era
 pequeno/ aprendi a trabalhar/ chegando aos 14 anos/ dediquei-me a vaquejar/ abracei
 aos vinte anos/ a profissão de matar. (BATISTA, 1957, p.3)

No ciclo posterior, os problemas sociais, econômicos e culturais do nordeste brasileiro passam a ser o esteio dessa literatura. A problemática nordestina é expressa por ela.

Com pena, tristeza magoa / peço a Deus que me conforte / pra contar com poesia / A
 vil situação forte / da pobreza em reboição / e os paus de arara do Norte / vem desde
 51 / esse destroço geral / o povo em revolução do sertão a capital / deixa a terra que
 nascera pra cumprir um ideal / quem é rico nada sofre / só o pobre é quem se aperta /
 pra todo o lado que vai / luta muito / nunca acerta / agarra os mulambos e queima /
 no pau de arara deserta / em direção ao sul / vive o povo em reboição / sem procurar
 proteção / a procura de serviço / leva o tempo de entra e sai / como abelha no
 cortiço. (AREDA, s/d, p. 1)

O ciclo político ou jornalístico dessa literatura toma proporções de uma espécie de imprensa sertaneja, inteirando o nordeste das questões nacionais. Na década de 1950 Orígenes Lessa³ já descrevia essa nova fase da literatura de cordel. Mas foi no final da década de 1960 que “professores, pesquisadores e jornalistas começaram a investigá-lo como uma espécie de jornalismo popular” (CURRAN, 2003, p. 24). Ernesto Kawall, segundo Joseph Luyten, foi o primeiro pesquisador brasileiro a fazer a analogia entre o cordel e o jornalismo, empregando o termo “recodificação”.

A literatura de cordel não só passa a dar voz ao nordeste brasileiro imprimindo ao sertanejo e ao cangaceiro o herói na luta pela justiça social, como também passa a exercer o papel de imprensa popular, dando início assim ao seu ciclo jornalístico, que marca a sua identidade cultural. O cordelista apreende as mensagens dos meios de comunicação de massa

³ Jornalista, escritor e pesquisador sobre a literatura de cordel, escreveu o livro “Getúlio Vargas na literatura de cordel”.

e as recodifica para o seu público. Essa recodificação é feita intuitivamente, utiliza da sua própria linguagem para atingir seu público, impondo assim, a credibilidade da informação.

Para Mark Curran,

O folheto da época é o jornal dos que não lêem jornal no interior nordestino ou mesmo daqueles que já informados, são adeptos da poesia. É um intermediário para um amplo processo de comunicação, que sem ele, em muitos casos, não se completa. (CURRAN, 2003, pg. 25)

Este novo ciclo da literatura popular de cordel como meio de comunicação alternativo integra as comunidades sertanejas, desprovidas de recursos básicos de subsistência, aos processos político-sociais do Brasil. E se transforma em um meio de comunicação popular de expressivo valor social, histórico e informativo.

Com os olhos razos d'água/ e o coração entre dores/ peço a minha rude pena/ para escrever os clamores/ dos pobres e dos operários/ humildes trabalhadores/ como choram os pobres humildes/ nessas horas tão amargas/ quando viam no Brasil/ abrirem-se estradas largas/ na gloriosa gestão/ do Dr. Getúlio Vargas/ que vendo os trabalhadores/ nos estados mais precários/ passando fome e nudez/ achou que os operários/ precisavam com urgência/ de melhoria de salários/ foi a primeiro de maio/ que o presidente assinou/ novos níveis de salários/ como prometeu, provou/ mas a alta burguesia/ deste ato não gostou... (ALMEIDA FILHO, (s/d), p. 1).

Para John Downing (2002), essas formas autônomas de representação surgem da necessidade de compartilhar as experiências de resistências às múltiplas formas de opressão. O cordelista se apropria das informações dos meios de comunicação de massa e empreende a sua visão de mundo, retransmitindo-a em uma linguagem de domínio dos seus leitores. É exatamente o que esse autor chama de “audiências ativas”, onde a comunicação é gerada sem necessariamente que haja mediações ou mesmo suportes técnicos, esse processo de apropriação e transformação dos meios tradicionais de comunicação se ajusta as perspectivas sociais de transformação da realidade.

Tendo como base a oralidade popular, a literatura de cordel se consolida como identidade do povo sertanejo e estabelece a sua própria poética. Assim, se transforma em um exemplo de resistência de um povo, que traz em si uma rica fonte de informações antropológicas, e que melhor expressa às adversidades na busca pela consolidação de sua identidade cultural.

Considerações finais

Conforme se observa neste artigo, o processo de formação da identidade cultural do povo latino-americano se reconfigura de acordo com o processo histórico, e manifesta-se, sobretudo, pela luta por justiça social e pela resistência para a preservação da sua memória e de seus saberes assentados na sua tradição oral.

A literatura popular de cordel evidencia este processo desde a sua chegada ao Brasil como literatura colonial, com as narrativas epopéicas de bravuras e conquistas para, em processos posteriores, passar a ser importante referência na representação cultural do povo sertanejo, pois além de exercer a função educativa, essa literatura passa a exercer uma função política e social, como meio alternativo de comunicação que integra o sertão nordestino ao resto do Brasil.

Referências

- AREDA, Francisco Sales. *A pobreza em reboição e os paus de araras do Norte* in: Portal da Fundação Casa de Rui Barbosa, Ministério da Cultura, s/d. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=99, acessado em: 14/03/2011.
- ALMEIDA FILHO, Manoel de. *Morte do maior Presidente do Brasil Dr. Getúlio Dorneles Vargas*. Portal da Fundação Casa de Rui Barbosa, Ministério da Cultura, s/d. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=99, acessado em: 14/03/2011.
- BATISTA, Francisco das Chagas. *Interrogatório de Antonio Silvino*. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1957.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*, Lisboa: Presença, 1996.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- _____. *De Cartagena a Miami: políticas multiculturales e integración por el mercado*. Venezuela: Nueva sociedad, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 1. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. (Reconquista do Brasil, 2ª série, V. 177).
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984. (Reconquista do Brasil, nova série, V. 81).
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2ª ed., São Paulo: EDUSP, 2003.
- DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim. A construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.
- DOWNING, John D.H. *Mídia Radical, Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. Senac, São Paulo, 2002.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Globalização e identidade cultural na América Latina*. 2ª edição. São Paulo: CELACC, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 11ª edição. 2006
- LONDRES, Maria José F. *Cordel, do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros passos, V. 98).
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001